

Índice

Prefácio	7
O Caminho da Cidade	11

O Nini morava conosco desde pequeno. Era filho de um primo do meu pai. Já não tinha pais e devia viver com o avô, mas o avô batia-lhe com uma vassoura e ele fugia e vinha para nossa casa. Até que o avô morreu e lhe disseram que podia ficar sempre lá em casa.

Sem contar com o Nini éramos cinco irmãos. Antes de mim havia a minha irmã Azalea, que era casada e morava na cidade. A seguir a mim vinha o meu irmão Giovanni, depois havia o Gabriele e o Vittorio. Diz-se que uma casa com muitos filhos é alegre, mas eu não via nada de alegre na nossa casa. Esperava casar-me cedo e partir como fizera a Azalea. A Azalea tinha casado aos dezassete anos. Eu tinha dezasseis mas ainda não tinha namorado. O Giovanni e o Nini também queriam partir. Só os mais novos estavam ainda satisfeitos.

A nossa casa era uma casa vermelha, com um alpendre à frente. Púnhamos as nossas roupas no corrimão da escada, por sermos muitos e não haver armários suficientes. «Xô-xô — dizia a minha mãe afugentando as galinhas da cozinha —, xô-xô...» A grafonola trabalhava o dia inteiro e, como tínhamos só um disco, a canção era sempre a mesma e dizia:

Mãos de veludoo
Mãos perfumadaas
Tal embriaguez sintoo
Que fico sem palavraas

Esta canção em que as palavras tinham uma toada tão estranha agradava muito a todos nós, e estávamos sempre a repeti-la de manhã à noite. O Giovanni e o Nini dormiam no quarto ao lado do meu e de manhã acordavam-me batendo três vezes na parede, eu vestia-me rapidamente e fugíamos para a cidade. Era mais de uma hora de caminho. Chegados à cidade separávamo-nos como se fôssemos três desconhecidos. Eu procurava uma amiga e ia passear com ela pelas arcadas. Às vezes encontrava a Azalea, com o nariz vermelho por baixo do véu do chapéu, que não me cumprimentava porque eu não usava chapéu.

Comia pão e laranjas na margem do rio, com a minha amiga, ou ia a casa da Azalea. Encontrava-a quase sempre na cama a ler romances, a fumar, ou a telefonar ao amante, discutindo com ele porque era ciumenta, sem ligar nenhuma a que os filhos estivessem a ouvir. Depois o marido regressava e discutia com ele também. O marido já era entradote, com barba e óculos. Não lhe dava muita atenção e lia o jornal, suspirando e coçando a cabeça. — Que Deus me ajude — murmurava de vez em quando para si mesmo. A Ottavia, a criada de catorze anos, com uma grande trança preta desgrenhada e a criança mais pequena ao colo, dizia da porta: — Está servido. — A Azalea calçava as meias, bocejava, olhava longamente as pernas, e íamos sentar-nos à mesa. Quando o telefone tocava a Azalea corava, amarfanhava o guardanapo, e a voz de Ottavia dizia na outra sala: — A senhora não pode atender, ela liga depois. — A seguir ao almoço o marido saía de novo, e a

Azalea voltava para a cama e adormecia logo. O seu rosto tornava-se então meigo e tranquilo. Entretanto o telefone tocava, as portas batiam, as crianças berravam, mas a Azalea continuava a dormir, respirando profundamente. A Ottavia levantava a mesa e perguntava-me toda assustada o que poderia acontecer se «o senhor» viesse a saber. Mas depois dizia-me em voz baixa, com um sorriso amargo, que de resto «o senhor» também tinha alguém. Eu saía. Esperava o entardecer num banco do jardim público. A orquestra do café tocava e eu e a minha amiga observávamos os vestidos das mulheres que passavam, e víamos também passar o Nini e o Giovanni, mas não nos falávamos. Reencontrava-os fora da cidade, na estrada poeirenta, enquanto as casas se iluminavam atrás de nós e a orquestra do café tocava mais alegremente e mais alto. Caminhávamos pelos campos, junto ao rio e às árvores. Chegava-se a casa. Odiava a nossa casa. Odiava a sopa verde e amarga que a minha mãe nos punha à frente todas as noites e odiava a minha mãe. Teria vergonha dela se a encontrasse na cidade. Mas ela já não ia à cidade há muitos anos, e parecia uma camponesa. Tinha os cabelos grisalhos despenteados e faltavam-lhe dentes à frente. — Pareces uma bruxa, mãe — dizia-lhe a Azalea quando ia lá a casa. — Porque é que não arranjas uma dentadura? — Depois deitava-se no sofá vermelho na sala de jantar, atirava com os sapatos e dizia: — Café. — Bebia depressa o café que a minha mãe lhe levava, dormitava um pouco e ia-se embora. A minha mãe dizia que os filhos são como veneno e que nunca se deveria trazê-los ao mundo. Passava os dias a amaldiçoar um por um todos os filhos. Quando a minha mãe era nova, um funcionário apaixonara-se por ela e levava-a para Milão. A minha mãe esteve fora alguns dias, mas depois voltou. Estava sempre a repetir esta história, mas dizia que tinha ido sozinha porque se sentia farta dos filhos, e o funcioná-

rio tinha sido inventado pela aldeia. — Quem me dera nunca ter voltado — dizia a minha mãe, enxugando as lágrimas com os dedos pela cara toda. A minha mãe estava sempre a falar, mas eu nunca lhe respondia. Ninguém lhe respondia. Só o Nini lhe respondia de vez em quando. Ele era diferente de nós, embora tivéssemos crescido juntos. Apesar de sermos primos não se parecia connosco de cara. A cara dele era pálida, nem ao sol ficava morena, e tinha uma madeixa que lhe caía para os olhos. Trazia sempre no bolso jornais e livros e lia constantemente, lia até enquanto comia e o Giovanni derrubava-lhe o livro para o aborrecer. Ele apanhava-o e lia calmamente, passando os dedos pela madeixa. Entretanto a grafonola repetia:

Mãos de veludoo
Mãos perfumadaas

Os mais pequenos brincavam e bulhavam e a minha mãe vinha dar-lhes uns tabefes, e depois zangava-se comigo por ficar sentada no sofá em vez de a ajudar a lavar a louça. O meu pai dizia então que era preciso educar-me melhor. A minha mãe começava a soluçar e dizia que ela era o cão de todos, e o meu pai tirava o chapéu do bengaleiro e saía. O meu pai era electricista e fotógrafo, e quisera que o Giovanni também aprendesse o ofício de electricista. Mas o Giovanni nunca ia quando o chamavam. Não havia dinheiro que chegasse e o meu pai estava sempre cansado e zangado. Vinha a casa um instante e voltava logo a sair, porque aquela casa era um manicómio, dizia. Mas dizia que não tínhamos culpa de ser tão mal-educados. A culpa era dele e da minha mãe. O meu pai parecia ainda jovem e a minha mãe tinha ciúmes. Lavava-se bem antes de se vestir, e passava brilhantina no cabelo. Não me envergonhava dele se por acaso o encontrava na cidade.

Também o Nini gostava de se lavar, e roubava a brilhantina ao meu pai. Mas não valia de nada e a madeixa dançava-lhe sobre os olhos na mesma.

Uma vez o Giovanni disse-me:

— O Nini bebe aguardente.

Olhei para ele espantada.

— Aguardente? Mas sempre?

— Quando pode — disse —, sempre que pode. Até trouxe para casa uma garrafa. Tem-na escondida. Mas eu encontrei-a e deixou-me provar. É boa — disse-me.

— O Nini bebe aguardente — repetia para comigo estupefacta. Fui a casa da Azalea. Encontrei-a sozinha. Estava sentada à mesa na cozinha a comer uma salada de tomate, temperada com vinagre.

— O Nini bebe aguardente — disse-lhe.

Encolheu os ombros com indiferença.

— Tem de se fazer alguma coisa para não nos aborrecermos — disse.

— Sim, aborrecemo-nos. Porque nos aborrecemos tanto? — perguntei.

— Porque a vida é estúpida — disse-me, empurrando o prato. — O que é que se pode fazer? Cansamo-nos logo de tudo.

— Mas porque é que nos aborrecemos sempre tanto? — disse ao Nini à tardinha, enquanto voltávamos para casa.

— Quem é que se aborrece? Eu não me aborreço nada — disse e começou a rir, agarrando-me no braço. — Então aborreces-te? E porquê? É tudo tão bonito.

— O que é que é bonito? — perguntei-lhe.

— Tudo — disse-me —, tudo. Tudo o que vejo me agrada. Há pouco agradava-me passear na cidade, agora estou a caminhar pelo campo e também isto me agrada.

O Giovanni ia alguns passos à nossa frente. Parou e disse: